



LEVANTADOS DO CHÃO: TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA EM GOIÁS¹

RAISED FROM THE GROUND: TERRITORY AND RESISTANCE IN GOIÁS

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

ricardo.goncalves@ueg.br

Resumo: O artigo fala dos “levantados do chão goiano” como representações das experiências de lutas e resistências construídas em Goiás. Resistências presentes no processo de formação econômica e social do território goiano, reveladoras de radicalidades contra os poderes hegemônicos representados pelo latifúndio e grandes projetos de desenvolvimento territorializados no Cerrado. Os procedimentos metodológicos contam com pesquisa bibliográfica, pesquisas de campo, entrevistas, observações direta e diário de campo. Desse modo, os resultados sublinham experiências de lutas e resistências de trabalhadores sem terra em defesa da reforma agrária, lutas organizadas por movimentos sociais contra o modelo hidroenergético e a mineração em grande escala.

Palavras-Chave: Cerrado. Goiás. Território. Resistência.

Abstract: The article speaks of the “raised from the Goiás floor” as representations of the experiences of struggles and resistances built in Goiás. Resistances present in the process of economic and social formation of the Goiano territory, revealing radicalities against the hegemonic powers represented by the latifundium and large territorialized development projects in the Cerrado. The methodological procedures include bibliographic research, field research, interviews, direct observations and field diary. Thus, the results highlight experiences of struggles and resistance of landless workers in defense of agrarian reform, struggles organized by social movements against the hydro-energy model and large-scale mining.

Keywords: Cerrado. Goiás. Territory. Resistance.

¹ Parte das análises apresentadas na pesquisa estão na tese do autor, defendida em agosto de 2016. Para este artigo atualizamos informações e incrementamos novos elementos da discussão teórica e metodológica.

O pesquisador agradece a CAPES e a FAPEG pela bolsa de Pós-Doutorado aprovada no âmbito da Chamada Pública n.9/2018.

Introdução

Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão?

Como em sonho correr numa estrada?
Deslizando no mesmo lugar?
Como em sonho perder a passada
E no oco da Terra tombar?

Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Ou na planta dos pés uma terra
Como água na palma da mão?

Habitar uma lama sem fundo?
Como em cama de pó se deitar?
Num balanço de rede sem rede
Ver o mundo de pernas pro ar?

Como assim? Levitante colono?
Pasto aéreo? Celeste curral?
Um rebanho nas nuvens? Mas como?
Boi alado? Alazão sideral?

Que esquisita lavoura! Mas como?
Um arado no espaço? Será?
Choverá que laranja? Que pomo?
Gomo? Sumo? Granizo? Maná?

(*Levantados do chão*, Chico Buarque, 2015).

Todos os dias, nas manhãs frias, chuvosas ou ensolaradas, do chão levantam-se mulheres e homens para o caminho comum do trabalho. Levantam-se de casas, barracos de lona das ocupações urbanas e rurais, das praças ou das calçadas. Gente que sonha, se perde ou se encontra nas ruas e nos campos; sujeitos que sentem frio e fome, gritam, lutam e resistem.

A letra da música *Levantados do Chão*, de Chico Buarque, transita entre a poesia, a arte e a indignação interrogativa contra as cercas dos latifúndios, das

desigualdades fundiária e sociais que excluem milhões de trabalhadoras e trabalhadores da terra. A canção entona as vozes indignadas de mulheres e homens que caminham e acampam nas beiras de estradas, nas margens das propriedades e nos campos férteis para plantarem neles a esperanças. Ao tematizar as lutas dos “sem-terra”, seus reiterados itinerários e desenraizamentos, o artista vasculha a história dos desterrados e expropriados da terra no Brasil. Ademais, tece palavras cujo tom interrogativo demonstra que “perguntar é estranhar, recusar, impugnar: questionar. É não aceitar algo como um dado de fato” (MENESES, 1997, p.1).

José Saramago (1980), em seu livro *Levantado do Chão*, também demonstrou em linhas literárias que “do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e suas esperanças”. Desse modo, Saramago e Buarque, o primeiro pela prosa literária e o segundo pela música, se encontram no horizonte comum das mulheres e homens em luta contra as injustiças e todas as formas de opressão e alienação ao levantar-se de corpo inteiro para ver longe a utopia que cultivam. Com efeito, ambos falam da esperança e universalizam o brado por liberdade dos oprimidos e esfarrapados do mundo.

Por conseguinte, o presente artigo fala dos “levantados do chão goiano” ao apresentar experiências de luta e resistências construídas em Goiás. Resistências presentes no processo de formação econômica e social no território goiano, reveladoras de radicalidades insubmissas aos poderes hegemônicos representados pelo latifúndio e grandes projetos de desenvolvimento territorializados no Cerrado.

Os procedimentos metodológicos contam com pesquisa bibliográfica, pesquisas de campo, entrevistas, observações direta e diário de campo. Essa metodologia permitiu reflexões qualitativas, dirimida pelo encontro de saberes e experiências do fazer e do pensar geográficos.

As ações dos movimentos sociais de luta pela terra, pela reforma agrária e defesa dos territórios da existência, as críticas e resistências contra os projetos de hidrelétricas, mineração e expansão do agronegócio, os modelos alternativos

de produção agroecológica e orgânica nos assentamentos e Comunidades Camponesas, têm sido elementos que revelam as transformações espaciais e as formas de organização coletiva em Goiás. Logo, o texto dialoga com experiências de lutas e resistências construídas no território goiano e contribui com o campo crítico das pesquisas geográficas.

Levantados do chão goiano: experiências de lutas e resistências

Pensar a construção das resistências em Goiás requer a compreensão do território baseada nas relações de poder, nos conflitos e nas disputas de usos do espaço. Logo, a formação social e econômica de Goiás revela que desde o contato inaugural dos bandeirantes com os habitantes originários no século XVII, passando pela exploração do trabalho escravo nas minas de ouro do século XVIII, a grilagem de terras, a estrutura fundiária excludente e a territorialização de grandes projetos de desenvolvimento a partir de meados do século XX, levantaram-se do território goiano as resistências representadas por distintas experiências de lutas dos sujeitos oprimidos.

Levantaram do chão goiano as resistências dos negros em quilombos, as revoltas de natureza messiânica como Santa Dica em Pirenópolis², as ações políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na Luta do Arrendo (1948-1952) em Campo Limpo, Orizona/GO, e a Revolta Camponesa de Trombas e Formoso (1950-1964), no Meio-Norte goiano³, as organizações dos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento Camponês

² “Refere-se ao movimento Santa Dica (1923) em Pirenópolis (GO), Ao redor de Benedita Cypriano Gomes, Santa Dica, formou-se um grupo de seguidores que questionavam a propriedade privada da terra. Diziam ser a terra um dom de Deus e assim enfrentavam batalhas judiciais e a violência dos fazendeiros nas disputas pela posse da terra”. (MENDONÇA, 2004, p. 334). Vasconcelos (2013, p. 25) diz também que “Santa Dica, ou o movimento dos Anjos e seus fanáticos, se desenvolveu no vilarejo da Lagoa, hoje distrito de Lagolândia, no município de Pirenópolis, em Goiás, a partir de 1923, quando surgiram as primeiras curas e milagres feitos por aquela iluminada. Seu apogeu se deu em 1925, quando o reduto foi invadido e tomado pelas forças policiais do estado. Nessa ocasião foi a líder presa e, após sua libertação, banida. Com alguns de seus adeptos percorreu outras regiões do país, onde foi recebida com grande curiosidade pela população. De volta a Goiás, provavelmente em fevereiro de 1927, retomou sua liderança, aglutinou novamente seus seguidores, participou de movimentos armados (Revolução de 1932) e políticos, permanecendo líder até sua morte em 1970”.

³ Mendonça (2004, p. 335) cartografa e analisa os conflitos pela posse da terra em Goiás.

Popular (MCP) e Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) contra os megaempreendimentos que ameaçam territórios camponeses.

Nas últimas décadas, na medida em que os usos do Cerrado se multiplicaram, seu território passou a ser disputado por diferentes atores hegemônicos do capital nacional ou internacional. No campo de disputa se situam usineiros, mineradoras, estrategistas financeiros e o Estado. Por outro lado, vários setores dos movimentos sociais organizados constroem suas lutas e formas de resistências.

Assim, as resistências se expressam nas lutas pela permanência na terra, na luta pela reforma agrária, na luta contra o modelo hidroenergético dependente da construção de barragens, na luta contra o modelo de mineração predatória com os grandes projetos de minas a céu aberto, barragens de rejeitos e pilhagem das paisagens locais, que expropriam camponeses das suas comunidades. Envolve também a luta pela água, por condições de produção agroecológica livre dos agrotóxicos e das sementes transgênicas.

Acampados na terra contra as cercas do latifúndio

O diálogo com o campo de pesquisa e leitura geográfica dos territórios centrado na *Geografia Agrária* demonstra que a estrutura fundiária desigual é uma das manifestações mais evidentes da questão agrária brasileira, elemento central dos constantes conflitos no campo. Logo, a concentração de renda, a formação dos latifúndios e a apropriação de terra, água e subsolo por empresas nacionais e internacionais, encoraja as possibilidades de milhões de homens e mulheres do acesso e trabalho digno na terra. Esse é um dos aspectos que tensionam os conflitos e as lutas de classes no campo e nas cidades. Portanto, a reforma agrária é central no debate da questão agrária brasileira. “Rejeitar sua relevância é não querer ‘mexer’ na estrutura fundiária e manter os privilégios de classe, enquanto milhões clamam por pão para seus filhos”. (MENDONÇA, 2007, p. 22).

Nos territórios do Cerrado goiano, a luta pela terra é um aspecto que antecede a modernização capitalista da agricultura. Ela tem início com a

violência dos bandeirantes contra os indígenas no início do século XVIII. Conforme Mendonça (2005, p. 271)

A luta pela terra em Goiás se iniciou com o processo de expulsão dos indígenas pelos bandeirantes no início do século XVIII. Daí em diante as lutas pela posse da terra se tornaram corriqueiras, porém, foram intensificadas no final do século XIX com a chegada maciça de migrantes, oriundos de Minas Gerais e São Paulo, expropriados pela expansão do café e pela violência do latifúndio.

Há uma relação integrada entre a formação dos latifúndios e a apropriação violenta das terras indígenas, de camponeses e posseiros em Goiás. Mesmo passado os séculos da invasão colonial, estratégias baseadas na violência e expulsão dos povos do campo ainda são reproduzidas pelos grandes projetos modernos de hidrelétrica, mineração, turismo e agronegócio. A modernização do território do Cerrado goiano nas últimas décadas contou com novas estratégias e atores, como a ação do Estado, os programas agrícolas e presença do capital nacional e transnacional. Porém, práticas como a grilagem, trabalho escravo, expropriação e violência contra os trabalhadores, os indígenas e camponeses continuaram e continuam sendo disseminadas. São partes integrantes e estruturantes do capitalismo em suas fronteiras extrativistas como no Cerrado.

Por outro lado, as ações coletivas dos camponeses e demais trabalhadores do campo e da cidade em Goiás questionam os usos predatórios do Cerrado e propõem a reforma agrária enquanto condição para a construção de modelos alternativos e sustentáveis no campo, como a agroecologia e produção de alimentos saudáveis. Uma das experiências neste sentido foi liderada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), no município de Corumbá de Goiás. Mais de 3 mil famílias de trabalhadores sem-terra ocuparam a fazenda Santa Mônica, localizada nos municípios de Corumbá de Goiás, Alexânia e Abadiânia.⁴

⁴ Conforme explicado por CPT (2015, p. 1) “No dia 31 de agosto de 2014, 3 mil famílias Sem Terra ocuparam a Fazenda Agropecuária Santa Mônica, um latifúndio de mais de 21 mil hectares. A área ocupada pelas famílias faz parte de um aglomerado de 88 propriedades que o senador Eunício de Oliveira declarou possuir no estado de Goiás à Justiça Eleitoral em 2014,

O Acampamento foi denominado pelo MST de Dom Tomás Balduino, homenagem dedicada ao bispo emérito de Goiás que dedicou a sua vida à luta pela Reforma Agrária e em defesa dos trabalhadores e camponeses espoliados no campo e nas cidades⁵.

Imagem 1 – Luta pela terra e pela reforma agrária em Goiás protagonizada por trabalhadores sem terra organizados pelo MST no Acampamento Dom Tomás Balduino, 2015.



Autora: ROSA, R., 2015.

A desintegração do Acampamento Dom Tomás Balduino ocorreu com a desocupação da Fazenda no início de março de 2015, após cerca de 6 meses ocupando uma área de pouco mais de 200 hectares. Com efeito, o Acampamento Dom Tomás Balduino tornou-se símbolo de luta contra o latifúndio e em defesa da reforma agrária em Goiás e no Brasil⁶.

ao concorrer ao governo do Ceará. As áreas estão localizadas nos municípios de Corumbá de Goiás, Alexânia e Abadiânia, entre Goiânia e Brasília. Segundo denúncias de agricultores, as dezenas de propriedades foram adquiridas pelo parlamentar após diversas formas de pressão". Ver também: MST. *Três mil famílias do MST ocupam a fazenda Santa Mônica, do senador Eunício Oliveira*. <http://www.mst.org.br/2014/09/01/tres-mil-familias-do-mst-ocupam-a-fazenda-santa-monica-do-senador-eunicio-oliveira.html>. Acesso em: 12 de Março de 2015.

⁵ Consultar: MST. *Ocupação em Goiás é batizada com o nome de Dom Tomás Balduino*. 2014. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/09/01/ocupacao-em-goias-e-batizada-com-o-nome-de-dom-tomas-balduino.html>. Acesso em: 12 de Março de 2015.

⁶ Mais detalhes estão disponíveis em: MST. *Acampamento Dom Tomás Balduino: um símbolo nacional da luta pela reforma agrária*. <<http://www.mst.org.br/2015/02/24/acampamento-dom-tomas-balduino>>

As ações construídas pelo MST no Acampamento Dom Tomás Balduino também aglutinaram experiências de saberes e uma rede de apoio e solidariedade coletiva protagonizadas por lideranças políticas, estudantes, ativistas e pesquisadores em defesa da Reforma Agrária em Goiás. Um dos resultados disso foi o documentário *Acampamento Dom Tomás Balduino*, produzido pela Equipe do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo – GWATÁ, da Universidade Estadual de Goiás – UEG – Campus Goiás⁷.

Em suma, as experiências de lutas no Acampamento Dom Tomás Balduino aproximaram mulheres e homens em defesa da vida, da vida no solo fértil da justiça que se sonha com a reforma agrária. Foram expressão concreta e simbólica das resistências que marcam a formação desigual do espaço agrário em Goiás. Ademais, somaram-se às distintas lutas que no chão goiano foram levantadas com coragem e brados de justiça contra os latifúndios da terra e do modelo de desenvolvimento que reproduz a desigualdade social espacializada na concentração fundiária.

Contra as barragens, rios de gente em luta

A história das lutas e da organização dos movimentos sociais contribuem com a abordagem geográfica integrada da formação do espaço agrário em Goiás. Do ponto de vista da ação coletiva, a partir da década de 1980 destaca-se a atuação dos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), e Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), que tencionaram a luta pela terra, contra a expropriação compulsória, a defesa da permanência na *terra de trabalho* ou pela reforma agrária. Conforme Mendonça (2004) eles protagonizaram a emergência do que denominou de *novos movimentos sociais* em Goiás.

tomas-balduino-um-simbolo-nacional-da-luta-pela-reforma-agraria.html>. Acesso em: 12 de Março de 2015.

CPT. *Após negociação, Sem Terra deixam latifúndio do senador Eunício de Oliveira*. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/2474-apos-negociacao-sem-terra-deixam-latifundio-do-senador-eunicio-de-oliveira>>. Acesso em: 14 de Março de 2015.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pk-Fvq9V8Gs>>. Acesso em: 23 de Novembro de 2015.

Esses movimentos são os herdeiros diretos do acúmulo de experiências construídas pelos camponeses e trabalhadores da terra na Luta do Arrendo, na resistência de trombas e Formoso e de tantas outras ações desencadeadas contra a histórica forma de apropriação da terra (concentradora e excludente) centrada no latifúndio e, mais recentemente, nas empresas rurais nas áreas de chapada. (MENDONÇA, 2005, p.272)

Para Mendonça (2004) as resistências desencadeadas no Cerrado pelos *novos movimentos cerradeiros* possibilitaram um diálogo construtivo entre as diversas frações da classe trabalhadora. Assim, a leitura geográfica que cartografa as ações construídas pelos movimentos sociais como o MST, MAB, MCP e mais recentemente (partir de 2013) o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), contribui para não perder de vista a disputa pelos territórios em Goiás.

As ações organizadas pelos trabalhadores contra os empreendimentos barrageiros para geração de hidroeletricidade implicou na constituição do MAB em Goiás. Mendonça (2005) explica que a luta dos atingidos por barragens no território goiano iniciou-se em 1989, quando a população atingida pelo Aproveitamento Hidrelétrico Foz do Bezerra no Rio Paraná (afluente do rio Tocantins) se mobilizou e passou a ser pioneira nas ações que enfrentam o modelo do *hidronegócio-energético* (ALVES, 2014).

A partir dessa experiência surgiram novos enfrentamentos, destacando-se a luta contra a barragem Serra da Mesa – Rio Tocantins – concluída em 1997. O lago artificial banha nove e segundo o MAB são mais de 1800 famílias atingidas [...] Outro exemplo de territorialização do MAB em Goiás é a barragem Cana Brava, na bacia do Rio Tocantins, construída para gerar cerca de 450MW. (MENDONÇA, 2005, p. 279).

As lutas dos atingidos por barragem foram protagonizadas por mulheres e homens que defendem um modo de vida e de relações socioculturais comunitárias, coletivas e solidárias, impressas nos territórios do Cerrado. Outro exemplo das resistências diante da construção de hidrelétricas e as práticas de expropriação compulsória das famílias e Comunidades Camponesas ocorreu no

município de Catalão/GO. A construção da barragem Serra do Facão, no vale do Rio São Marcos, desencadeou lutas e questionamentos sobre o modelo energético brasileiro e territorializado no município. O movimento em defesa dos trabalhadores e camponeses do vale do Rio São Marcos envolveu a atuação do MAB, estudantes e pesquisadores do curso de geografia da UFG – Regional Catalão, apoio da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB Seção Catalão/GO, Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Sindicato METABASE.⁸

Além do I Encontro Regional de Organização e Formação dos Atingidos em Catalão/GO (realizado em dezembro de 2002), que foi central no processo de consolidação do MAB na região do Sudeste Goiano, os atingidos pelo empreendimento Serra do Facão promoveram (em abril de 2003) o Ato Público em Defesa da Água, da Vida e da Terra de Trabalho (MENDONÇA, 2004)⁹.

Mendonça (2005) defende que a mobilização coletiva dos trabalhadores, camponeses, estudantes, professores e demais pessoas da sociedade em Catalão/GO e municípios vizinhos, questionando a construção do barramento Serra do Facão, colocou duas questões centrais para as pesquisas sobre o *hidronegócio-energético* no Cerrado. A primeira problematiza a construção das hidrelétricas nos rios do Cerrado e suas implicações territoriais e ambientais. A segunda evidencia a ação política na luta pela terra e pela reforma agrária e a sua capacidade de articulação com outras categorias de trabalhadores para fortalecer as resistências.

A apropriação dos rios do Cerrado goiano pelo *agrohidronegócio* (MESDONÇA e MESQUISTA, 2007) na geração de energia ainda envolve a força de trabalho utilizada para construir as obras de infraestruturas das hidrelétricas. Para isso, as empresas encontram em sua disposição para explorar, a “infantaria ligeira do capital” (MARX, 2013). São trabalhadores que “de acordo com sua necessidade, ora a lança neste ponto, ora naquele. Quando não em marcha, “acampa””. (MARX, 2013, p. 293)¹⁰. Pode-se dizer que na

⁸ Mendonça (2005) apresenta informações sistematizadas sobre as resistências contra a construção da Hidrelétrica Serra do Facão, no vale do Rio São Marcos, em Catalão – Goiás.

⁹ Para mais detalhes, consultar Mendonça (2004, p. 398-415).

¹⁰ “Agora nós nos voltamos para uma camada da população cuja origem é rural e cuja ocupação é em grande parte industrial. Ela constitui a infantaria ligeira do capital [...] Em empreendimentos com aplicação significativa de capital, como construção de ferrovias etc.,

atualidade, a “infantaria ligeira do capital” forma as frentes de trabalho migrante, envolvidas nos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, como a construção de ferrovias, portos, rodovias, hidrelétricas e projetos de mineração.

Considerando a realidade apresentada em Goiás, os trabalhadores organizados têm criado formas de enfrentamento diferenciadas. Assim, as resistências no território goiano apresentam forças políticas e estratégias que fortalecem as ações coletivas. Elas revelam a capacidade organizativa e de propor projetos que dialogam com as demandas das populações que vivem no campo. Por sua vez, as resistências também colocam em pauta as formas de uso da terra, da água e das sementes. Pronunciam diferenciações naturais-sociais experienciadas na relação material e imaterial do trabalho com os territórios e a *sociobiodiversidade* do Cerrado. Esses aspectos estão postos na experiência concreta das lutas que se levantam do chão do Cerrado goiano.

As resistências ao modelo de mineração predatória

Reservas minerais de ouro, nióbio, níquel, amianto, apatita, calcário, amianto e outros minerais, também compõem o projeto economicista de apropriação do Cerrado pelo capital extrativo mineral em Goiás. Esses e outros minérios colocam seus territórios na centralidade dos interesses do mercado mundial de *commodities* e contribuem para compreender as dinâmicas espaciais de apropriação do Cerrado pelo capital nacional e internacional.

Desse modo, os grandes projetos de mineração de nióbio e fosfato territorializados nos municípios de Catalão/GO e Ouidor/GO desde os anos 1970 exemplificam a relação entre a atividade extrativista mineral e os conflitos territoriais em Goiás. A mineração a céu aberto impacta as paisagens e os usos da terra e da água em Comunidades Camponesas que presenciam por décadas

geralmente o próprio empresário fornece seu exército de barracos de madeira ou similares, aldeias improvisadas sem nenhuma instalação sanitária, além do controle das autoridades locais, muito lucrativo para o sr. Contratista, que explora duplamente os trabalhadores: como soldados da indústria e como inquilinos”. (MARX, 2013, p. 293).

a pilhagem dos seus territórios e a expropriação compulsória de famílias diante da expansão minas, barragens de rejeitos e construção de estradas.

Em Catalão/GO, a Comunidade Macaúba, no entorno da mina Chapadão, defronta com a expansão da mineração em grande escala. A exaustão das paisagens expõe a transformação radical do cotidiano das famílias, do trabalho na terra e das sociabilidades que marcam a identidade territorial do campesinato local. Diante disso, as resistências contra o modelo de mineração predatória começaram a serem organizadas nos últimos anos, com atuação de entidades como o MCP, CPT e MAM.

Ferreira (2012) pontua-se que as ações do MCP na Comunidade Macaúba começaram organizando os camponeses para ações como o resgate, produção, multiplicação e distribuição de sementes de variedades crioulas, formação de bancos de sementes, produção agroecológica, projeto de Moradia Popular e a Feira Camponesa do Bairro Ipanema, na cidade de Catalão (GO). Os impactos da mineração na vida e no trabalho das famílias camponesas da Comunidade não era tema central nos debates e ações do movimento. No entanto, a partir de 2013 os conflitos socioambientais da mineração também passaram desempenhar centralidade em ações como seminários, palestras em parceria com pesquisadores do Curso de Geografia da UFG – Regional Catalão e demais universidades goianas e do Brasil, atividades conjuntas com a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB Seção Catalão e sobretudo, com o apoio e participação da CPT e MAM.

O exemplo da atuação de agentes pastorais da CPT na Comunidade Macaúba e demais Comunidades como Mata Preta e Coqueiros é ilustrativa de uma nova conjuntura questionadora dos impactos e dos conflitos da mineração envolvendo as Comunidades Camponesas em Catalão/GO. No Relatório de Conflitos no Campo – 2014 a CPT registrou 20 famílias da Comunidade Macaúba e outras 20 famílias da Comunidade Mata Preta em situações de conflitos por terra e água com as mineradoras. A presença da CPT também tem contribuído com trabalho de base e participação de atividades desenvolvidas no interior da Comunidade como reuniões dos camponeses e até mesmo audiências públicas nas cidades de Catalão/GO e Ouvidor/GO.

A construção das resistências frente aos grandes projetos de extrativismo mineral em Catalão/GO também tem contado com a presença ativa de militantes do MAM. A partir de 2013 atividades de diferentes naturezas têm sido organizadas pelo MAM em Catalão/GO e Ouidor/GO e no interior das próprias Comunidades localizadas nesses municípios. Rodas de conversa, exposição de filmes/documentários, distribuição de cartilhas, coleta e produção de material audiovisual¹¹, entrevistas nas rádios locais, publicações de textos críticos no Brasil de Fato¹², debates na UFG – Regional Catalão e cursos de formação de base são exemplos de atividades promovidas pelo MAM.

Essas observações sobre a atuação do MAM em Catalão/GO e Ouidor/GO ainda podem ser averiguadas através da realização I Curso de formação do MAM/GO entre os dias 24 a 29 de outubro de 2015, na cidade de Catalão, para aproximadamente 50 militantes. O I Curso Básico do MAM/GO teve como centralidade reunir militantes e atingidos pela mineração e dar início a estratégias de articulação para a construção no movimento na região Centro-Oeste.

No decorrer de cinco dias I Curso de formação do MAM/GO contou-se com atividades como rodas de conversas envolvendo temáticas como Experiências de luta de cada comunidade; A mineração no Brasil: aspectos históricos e o debate conjuntural; Histórias de Lutas e resistências; Os desafios da construção do MAM; Construção das tarefas do MAM na região e nos

¹¹ Exemplo disso foi a produção e publicação pelo MAM do filme/documentário “Abaixo da Capital: mineração destruição e morte, um filme sobre mineração em Catalão – Goiás”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AdXLnUS-XJw>. Acesso em: 10 de mar./2016.

¹² Exemplo do texto “Mineração devasta Catalão”, escrito pelo militante e jornalista Márcio Zonta e publicado no Brasil de Fato. Disponível em: <http://antigo.brasildefato.com.br/node/31601>. Acesso em: 16 de mar./2016.

estados; exposição e discussão de filmes/documentários como *Enquanto o Trem não passa*¹³; *Pensando com Florestan Fernandes*¹⁴ e *Massacre de Marikana*¹⁵.

Isto posto, as experiências de lutas e resistências também contam com ações colocadas em práticas por camponeses da própria Comunidade Macaúba. Em dezembro de 2014 uma família camponesa decidiu montar um acampamento próximo a GO 504 e na entrada da estrada principal que dá acesso ao Centro Comunitário da Comunidade Macaúba, também nas proximidades da empresa Vale Fertilizantes (adquirida pela Mosaic Fertilizantes). A ação questionou os impactos socioambientais na Comunidade, o descaso das mineradoras com os camponeses e objetivou construir espaços de formação, diálogos com as demais famílias sobre os problemas locais. (Figuras 2 e 3).

¹³ Realizado pela Mídia Ninja, “*Enquanto o trem não passa* mostra um pouco da realidade de comunidades que têm seus direitos usurpados por grandes mineradoras e governo. Municípios cortados pela Ferrovia Carajás, Minerodutos, populações afetadas - não apenas pela tormenta de explosões constantes na extração do minério, mas também por toda a logística que muda o modo de viver e conviver nos territórios”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cEorAlteUWA>. Acesso em: 19 de abr./2015.

¹⁴ Produzido a partir da parceria da TV E-Paraná com a Escola Nacional Florestan Fernandes e a Fundação Darcy Ribeiro, com apoio do Ministério da Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26813aGP1fA>. Acesso em: 17 de abr./2016.

¹⁵ O filme/documentário, do cineasta sul-africano Rehad Desai, explora os eventos que culminaram no massacre de trabalhadores minérios na África do Sul, chamado “Massacre de Marikana”.

Figura 2 – Camponeses da Comunidade Macaúba e de demais Comunidades Camponesas de Catalão reunidos no “Acampamento Rochedo”, como ficou denominado. Em círculo de diálogo relatam os problemas locais provocados pela mineração e procuram construir estratégias de resistências e fortalecimento coletivo da Comunidade.



Fonte: Pesquisa de campo, dezembro de 2014.

Autor: Gonçalves, R. (2014).

Figura 3 - Dinâmica com jovens da Comunidade Macaúba e demais Comunidades de Catalão em um momento de reunião das famílias impactadas pela mineração. Neste dia, pesquisadores críticos da mineração participaram da reunião, conversaram sobre o tema e desenvolveram atividades com crianças, adolescentes e adultos.



Fonte: Pesquisa de campo, dezembro de 2014.

Autor: Gonçalves, R. (2014).

No decorrer de quase um mês o acampamento serviu como um “laboratório” de experiências coletivas, onde além das famílias da Comunidade,

houve diálogos com pesquisadores críticos, jornalistas de Catalão, presença de membros da CPT, representantes do governo municipal e das próprias empresas mineradoras.

Para uma das lideranças locais,

O acampamento foi um laboratório para nós, serviu para fortalecer os esforços que temos feito para conscientizar as famílias, os nossos jovens. Durante essa experiência muitos passaram por aqui e pararam, conversaram e relataram problemas e desafios que precisam ser de toda a Comunidade. A Comunidade precisa ter união em outras ações. Precisamos trazer os jovens que ainda restam para serem formados. Precisamos das parcerias, da atuação do Ministério Público, dos técnicos da Secretaria de Meio Ambiente de Catalão, dos pesquisadores e dos movimentos sociais. Precisamos de todos para dar visibilidade ao que as mineradoras estão fazendo com nossa Comunidade (Entrevista, Catalão/GO, Dezembro de 2014).

A organização coletiva junto aos movimentos sociais como o MCP e o MAM, atuação da CPT, atividades desenvolvidas pelas famílias e as práticas culturais que constituem as territorialidades na Comunidade Macaúba potenciam as resistências. Por consequência, defendem os lugares de vida e trabalho, onde a identidade é territorialmente construída pelo enlace material e imaterial dos sujeitos com sua Comunidade.

A perda do *valor simbólico*, atribuído pelos camponeses aos lugares onde vivem, é incapaz de ser mensurado limitando-se ao olhar forjado pelos princípios que a modernidade capitalista oferece, na qual tudo se reduz a objetos para a produção de mercadorias e o lucro privado. Portanto, além dos danos materiais que esses sujeitos enfrentam em suas propriedades, a identidade territorialmente construída na relação com a Comunidade Camponesa não se mensura como objeto economicista. A Comunidade, neste sentido, é compreendida como o “lugar social arrancado da natureza, ou nela encravado, no qual as pessoas se reúnem para viver suas vidas e dar um sentido a elas. Comunidade é o lugar da escolha, onde os grupos humanos livremente se congregam” (BRANDÃO e BORGES, 2014, p. 1).

Há aproximadamente três décadas os moradores da Comunidade Macaúba são confrontados pelos problemas provocados pela mineração a céu aberto e, isso significa impactos na existência concreta e substantiva dos sujeitos em seus territórios. Por conseguinte, as ações de resistências construídas nas comunidades e organizadas por movimentos sociais colaboram com o esforço em se desvelar a pilhagem dos territórios, os efeitos socioambientais e os conflitos promovidos pela atividade mineradora.

Considerações Finais

A pesquisa sublinha que a formação econômica e social de Goiás, urdida pela hegemonia do latifúndio, dizimação de populações indígenas, expropriação compulsória de camponeses pelo agronegócio monocultor, territorialização de megaempreendimentos hidroelétricos e minerários, não ocorreu de maneira homogênea e sem defrontar-se com a coragem das lutas e resistências construídas pelos oprimidos.

Mulheres e homens levantaram-se de corpo inteiro do chão goiano contra todas as formas de injustiças que se obstinam em calar os esfarrapados da terra e manter sua existência imperceptível e surda.

Com suas esperanças e resistências, trabalhadoras e trabalhadores levantam-se do terreno objetivo e subjetivo de realidades obliteradas pela desigualdade e alteiam suas vozes, seus cantos e seus sonhos na caminhada coletiva das lutas. Caminham juntos, e juntos vão se levantar quantas vezes forem necessárias para verem a nova manhã, a nova manhã cujo sol seja o da igualdade e dignidades humanas.

Referências

ALVES, J. **As revoltas dos trabalhadores em Jirau (RO):** degradação do trabalho represada na produção de energia elétrica na Amazônia. 670f. Tese (doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Presidente Prudente, 2014.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. O lugar da vida: Comunidade e Comunidade Tradicional. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, jun., 2014

CPT – Comissão Pastoral da Terra. **Após negociação, Sem Terra deixam latifúndio do senador Eunício de Oliveira**. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/2474-apos-negociacao-sem-terra-deixam-latifundio-do-senador-eunicio-de-oliveira>>. Acesso em: 14 de Mar./2015.

_____. **Conflitos no campo – Brasil 2014**. Goiânia: CPT Nacional – Brasil, 2015.

FERREIRA, A. P. da S. de O. **Territórios em conflito: a comunidade Macaúba/Catalão (GO) e a territorialização da atividade mineradora**. 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFG – Campus Catalão, 2012.

MARX, K. **O capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

_____. **O agronegócio nas áreas de Cerrado: impasses, preocupações e tendências**. 2007. In: FORUM DE C&T NO CERRADO, II. Impactos econômicos, sociais e ambientais no cultivo da cana de açúcar no território goiano. Goiânia/GO, 05 de Out. de 2007. p.18-28.

_____. **Geografia, identidade e resistência do trabalho: o exemplo dos Povos Cerradeiros em Goiás**. 2005. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/grupos/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Resumos/Marcelo%20Rodrigues%20Mendon%20E7a_1_PT_ES.pdf. 20 de novembro de 2015.

_____.; MESQUISTA, H. A. **O agrohidronegócio no Cerrado goiano: a construção das (re)existências**. In: Encuentro Latinoamericano Ciencias Sociales Y Represas, 1 Encontro Brasileiro Ciências Sociais e Barragens, Anais... Salvador, 2007.

MENESES, A. B. de. **Armas da ironia**. 1997. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/notas/n_levantad.htm>. Acesso em: 04 de Abril de 2019.

SARAMAGO, J. **Levantado do chão**. Lisboa: Caminho, 1980.

VASCONCELLOS, L. de. **Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo**. 2.ed. Goiânia: Editora da UFG, 2013.

Sobre o autor

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Atualmente faz estágio de Pós-Doutorado em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, com desenvolvimento de pesquisa sobre a Territorialização da Rede Global de Produção de Nióbio em Goiás, Brasil – e bolsa financiada pela FAPEG/CAPES. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. É professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Campus Iporá. Professor no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI / UEG - Cora Coralina. Professor e Vice-Coordenador do Programa no Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia - PPGeo / UEG - Campus Cora Coralina. Editor Chefe da Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (UEG). Coordena o Laboratório de Estudos Ambientais e do Território - LEAT/UEG. É pesquisador colaborador externo do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais - LABOTER/IESA/UFG. Pesquisador do Grupo de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS / UFJF). Foi da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB - Seção Goiânia (2014 - 2015). Atua especialmente no estudo e pesquisa dos seguintes temas: território e ambiente, pesquisa qualitativa em geografia, comunidades e assentamentos rurais, geografia e literatura, garimpo, efeitos socioespaciais da mineração em grande escala e rede global extrativa do nióbio

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9537143258969339>

Recebido em Fevereiro de 2019.
Aceito para publicação em Maio de 2019.